

O perigoso caminho da automedicação

■ Cerca de 36% dos fluminenses escolhem que remédios tomar sem ouvir um médico, procedimento que leva a outras complicações

Uma grande parte dos moradores do Estado do Rio não só toma remédio por conta própria, como decide o melhor caminho para curar uma dor ou uma doença sem pedir conselho a ninguém. Dos 973 entrevistados (36% do total dos 2.700 ouvidos) que cultivam o perigoso hábito de se medicar sem recomendação médica, 46% confessaram escolher sozinhos que remédio vão tomar. Trinta e três por cento responderam que levam em conta a dica do farmacêutico ou de atendentes de farmácia. Vinte e três por cento ouvem pais ou parentes e 16%, amigos e conhecidos.

Seja quem for o conselheiro, automedica-se é perigoso. "Toda a droga desperta algum efeito colateral. Os analgésicos, campeões de venda sem receita nas farmácias, costumam atacar a mucosa gástrica, o que é péssimo para quem sofre de úlcera", dá um exemplo o clínico geral Rogério Frossard, um dos maiores críticos da venda indiscriminada de remédios.

Se tivesse pensado nas consequências da automedicação, a estudante Flávia Pires Freire, de 22 anos, teria escapado de uma internação de três dias, com desidratação. Ela começou a tomar um diurético, receitado por seu ginecologista para aliviar inchaço no período pré-menstrual e que a fez emagrecer. Feliz com o resultado — apesar de não ser o objetivo do tratamento, ela continuou tomando o remédio Higroton 12,5 por conta própria. Chegou a aumentar as doses e emagreceu dois quilos em menos de um mês. "Depois de um tempo tomando o remédio todo dia, percebi que vivia cansada, sem forças nem para fazer ginástica", conta Flávia. Um dia, ela desmaiou na faculdade e foi internada às pressas.

"Flávia teve até dificuldades respiratórias provocadas pela fraqueza", lembra sua mãe, Eugênia Freire. Além de tomar o remédio por conta própria durante um ano e meio, Flávia, animada com

dois quilos perdidos em menos de um mês, aumentou a dose de um para dois comprimidos.

Descontrole — Reconhecendo a dificuldade de acabar com o comércio descontrolado de remédios, o Conselho Regional de Farmácia partiu para uma campanha pelo uso correto dos medicamentos. Para ser deflagrada, faltam R\$ 42 mil — custo da impressão e distribuição de cartazes e panfletos — e um patrocinador. Os farmacêuticos prepararam 15 conselhos para os consumidores. A regra número 1 é não tomar remédio por conta própria. A número 2, obedecer rigorosamente doses, horários e prescrições da receita. Os profissionais alertam também para os remédios à base de plantas medicinais ou homeopáticos. "Eles também têm efeitos colaterais e contra indicações e só devem ser tomados com orientação médica", avisam.

Outra recomendação: não confundir balconista de farmácia com farmacêutico. "Só o farmacêutico pode dar orientação sobre o uso de determinado remédio ou sobre reações adversas, mas nem ele pode receitar", informa Guacira Corrêa de Matos, diretora do Conselho Regional de Farmácia e uma das organizadoras da campanha contra a automedicação. Ela conta que, raramente, o atendente da farmácia é profissional da área. Cada farmácia tem que ter apenas um farmacêutico responsável que não é obrigado a cumprir horário integral.

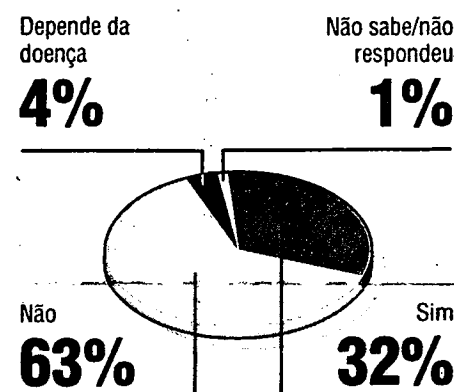
Entre os remédios que costumam ser tomados sem acompanhamento médico, os antibióticos são os que mais preocupam os profissionais de saúde. O presidente da comissão de Saúde da Câmara Municipal, Paulo Pinheiro, ex-diretor do hospital municipal Miguel Couto, no Leblon, explica: "O problema maior é que se uma pessoa toma antibiótico de forma errada, acaba ficando resistente a determinado micróbio e depois, se de fato precisar daquele remédio, precisará de doses mais fortes ou de outro antibiótico. Antibiótico fraquinho não existe".

Os remédios mais procurados

MEDICAMENTOS	INDICAÇÃO	POSSÍVEIS EFEITOS COLATERAIS
ANALGÉSICOS		
Dorflex	Dor de Cabeça	O ácido acetilsalicílico, principal componente do remédio, em dosagens maiores que as recomendadas, pode causar queda brusca da pressão e dor de cabeça.
Aspirina	Dor de cabeça	Em altas dosagens pode causar queda de pressão e disritmia cardíaca.
ANTIGRIPAIS		
Descon	Alergias e resfriados	Tontura, vômito e dor de cabeça.
Coristina	Gripes e febre	Em dosagens não recomendadas, pode causar pressão baixa e alergia
Apracur	Resfriados leves	Pressão baixa
INIBIDORES DE APETITE		
Dualid-S	Excesso de peso	O cloridato de anfepromo, principal química do remédio, pode causar dor de cabeça, insônia, nervosismo, irritabilidade e manifestações depressivas.
Inibex	Excesso de peso	Tontura, taquicardia, nervosismo e irritabilidade.
ANTIDEPRESSIVOS/CALMANTE		
Lexotan	Insônia e tensão em geral	Se usado a longo prazo ou em altas dosagens, pode provocar cansaço, sonolência e relaxamento muscular.
Valium	Nervosismo e agitação	Sonolência e hiper relaxamento muscular.
OUTROS		
Higroton	Diurético de ação prolongada	Distúrbios metabólicos, além de urticária, erupção da pele, arritmia cardíaca e mau funcionamento do fígado.
Isordil	Nas crianças de angina e estresse físico e emocional	Vasodilatador, o remédio pode provocar fraqueza, erupção cutânea, náusea e vômito.

Fonte: Bula dos remédios

1/3 da população costuma se automedica



* A soma dos percentuais é a maior do que 100% porque os entrevistados podiam optar por mais de uma resposta

A quem costuma pedir opinião a respeito dos medicamentos que vai tomar?*

A ninguém/não pede conselhos	46%
Farmacêuticos/balconistas	33%
Amigos/conhecidos	16%
Pais	12%
Parentes	11%
Não sabem/não responderam	2%

Paulo Pinheiro é um crítico severo das propagandas de remédios. "Os antiácidos dizem que você pode comer e beber o que quiser e depois toma um remédio. Outros para emagrecer falam de substâncias e dão explicações para os efeitos imediatos que ninguém entende. Mas as pessoas acham que estão informadas o suficiente, compram e decidem as doses que vão tomar", resume o médico e vereador.

Mulheres com idades entre 16 e 25 anos e com baixo nível de escolaridade são as que mais recorrem à automedicação. No entanto, os adultos que têm entre 26

e 35 anos (58%) e aqueles que fizeram curso superior (61%) são maioria entre os que tomam remédios por conta própria sem consultar ninguém.

Com os alertas sobre perigos da automedicação, os profissionais de saúde querem atingir principalmente consumidores como a dona-de-casa Maria Aparecida Torres, de 58 anos. "Só procuro ajuda médica nas emergências", confessa ela, que diz confiar em sua própria experiência com remédios.

Maria Aparecida deve começar a confiar também na sorte. Um levantamento do Centro de Informações Toxicofarmacológicas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, revela que metade dos casos de intoxicação por medicamento registrados se devem a uso incorreto. São pelo menos 15 por dia.

Propaganda — Nos últimos dois anos, grandes laboratórios passaram a investir na propaganda de remédios que podem ser vendidos sem receita médica. Foi o que fez, por exemplo, o laboratório Knoll, no início deste ano, que montou uma estratégia para tornar três de seus medicamentos de maior faturamento no mercado em produtos populares. São eles o analgésico Neosaldina, responsável por 25% do ganho total da empresa, o Tanakan, remédio para memória que chega a vender 155 mil caixas por mês, e o Venokur, usado no tratamento de varizes. A expectativa do laboratório é de que a venda desses produtos, tendo como background forte campanha publicitária, represente um aumento de cerca de 40% no faturamento geral da empresa até o final de 1997.

O clínico geral Rogério Frossard é um árduo defensor da venda de remédios sob prescrição. Sobre o novo direcionamento da indústria farmacêutica, Rogério afirma que esse é um caminho comprometedor para a saúde geral da população. "A fiscalização da venda de remédios devia ser mais rígida", completa.